

Preços

Anno 12\$000
Semestre 6\$000

Avulso 200 Reis
Atrasado 300 Reis

AUCTORIDADE

Órgão do Centro dos Estudantes Monarchistas de S. Paulo

Redactor-Chefe: **Angelo Mendes**

Redactor-Secretario: **Luciano Esteves Junior**

REDACÇÃO

ADMINISTRAÇÃO

N. 2, Rua do Ouvidor N. 2

Solano

Os originaes não se-
rão restituídos, ainda
que não publicados.

O povo e a Republica

—0—

Como é sabido, ha nos republicanos uma profunda scisão entre os que sofferam durante a dictadura Floriano Peixoto e os que naquella epocha vi veram e se locupletaram de dinheiro e de posições por se mostrarem em constantes *salamalekos*, concievos *embaixadores* do grande homem.

Estes adoptaram a politica do jacobinismo como seu programma. Aquelles, em manifesta minoria, constituindo grupo quasi imperceptivel, dizem-se *parlamentaristas*, a fim de se filiarem de certo modo aos monarchistas da revolta Rio Grandense, para o momento critico.

Os jacobinos são os republicanos mais correctos, por serem os mais consequentes: não querem illusões e sophismas e têm a seu favor as *classes armadas* cujo criterio não se adapta á diplomacia da fina politica. Não conhecem outro systema de governo senão o de Floriano Peixoto, com as arcas do Thesouro Nacional abertas para se firmarem as dedicações a bem da *consolidação da Republica*.

Os outros, á cuja testa está o redactor chefe do jornal *Cidade do Rio*, são inconsequentes: querem uma republica sem militarismo, sem negação de Deus, sem phobias e mais cateiva, embora se divorcio infeliz do *vincolo matrimonial* para a satisfação dos appetites de muitos do bando; e tem a seu favor os generaes reformados de Abril de 1893, e mais os que andaram lá por Cucuihy, Tabatinha e outras regiões inhospitas do Rio Amazonas. Não conhecem outro systema de governo senão o de que lhes garantiram cadeiras nas duas casas do Congresso, e outros proventos proprios do quem spolia governo e mostra assim ter na o regra o Rei.

Como se vê, a differença entre os dois grupos consiste somente em estar na *alta* ou na *baixa* da gengorra politica. Todos na realidade não querem senão as comodidades das posições governativas.

Mas, o povo, que continua a ser monarchista, por não ver salvação possível para o Brazil sendo na restauração do Imperio, foge de uns e de outros. E a prova da indifferença popular foi dada no Rio de Janeiro, no dia 21 do mez findo por occasião das *funerarias tiradentes*.

Tudo correu serenamente, segundo se noticiaram por certa sociedade daquella capital; e os grupos republicanos não puderam circular tão á vontade como se esperava.

E o proprio jornal *Cidade do Rio*, quem melhor assignala a *consciencia do elemento popular* naquella occasião, se lembrou que *procurava* postar a *breza* para a sua *condição*, por attribuir ao *republicanismo* do povo aquella indifferença.

Atendendo para longe, com a porta do pó, mas agitando de *republicanismo* ao povo do Rio de Janeiro, queriamos entre tanto *atribuir* ao *republicanismo* do povo aquella indifferença.

• A politica restauradora do Imperio.



Dr. Cavalcanti Mello

Temos diante de nós um dos desiludidos da Republica.

O Dr. Cavalcanti Mello, natural da provincia da Parahyba, tem apenas trinta e cinco annos, pois que nasceu em 5 de Fevereiro de 1861.

Formado em 17 de Novembro de 1883 na Faculdade de Direito da cidade do Recife, em Pernambuco, voltou para sua provincia natal, onde exerceu os cargos de Promotor Publico, de Juiz Municipal e de Juiz de Direito.

Já antes, servindo na comarca de Souza o cargo de Promotor Publico, apesar de estar ainda a cursar o quarto anno da Faculdade de Direito, soube mostrar a amigos e adversarios a sua honorabilidade como funcionario publico. Foi então que abicou-se com D. Joaquina de Souto Mayor, filha dilecta do chefe liberal nessa comarca.

E' jornalista emerito; e, nessa profissão liberal, escreveu em varios jornaes parahybano e, depois, em varios jornaes fluminenses.

Tendo se desiludido da Republica, á qual, em boa fé, adherira, e tendo ultimamente verificado que a opinião nacional é pela restauração do Imperio, converteu-se altivamente a causa do povo brasileiro, sacrificando seus interesses e economias a bem della, e dizendo sem reboço algum que ha de vencer em breve tempo ao lado dos chefes monarchistas e da mocidade academica, da qual é amigo e firme companheiro.

O seu jornal *Rio de Janeiro* advoga, com effeito, sem fraquezas e hesitações, sem subterfugios e cobardias, a causa restauradora. Separou-se, assim, de velhos amigos, que ainda perseveram no lodagal republicano.

Ha delle duas boas obras de Direito: *Justica Federal e Lesões de direitos individuais*; alem de trabalhos litterarios e de discursos academicos.

Foi o advogado dos treze generaes, que haviam intimado Floriano Peixoto a mandar fazer a eleição presidencial pela renuncia de Deodoro da Fonseca. E venceu essa campanha.

Antes de ser magistrado, exerceu o professorado no Lyceu Parahybano.

O Governo da Republica, não confiando nelle pela opposição feita á dictadura de Floriano Peixoto, aposentou-o inconstitucionalmente, com ordenado proporcional a uns doze annos de serviços, ou apenas com pouco mais de setenta mil reis mensaes; mas elle, desprezando o golpe, renunciou esses vencimentos a favor das *funções* da Republica, já então muito declaradas.

Quando alguns republicanos o increpam de sua *deserção* das fileiras da Republica, apressa-se a dizer com muito espirito, misturado de indignação: « Não fiz senão voltar ao que era antes de 15 de Novembro 1889: estou remendo agora o grande peccado de ter adherido a esta Republica, verdadeiro *conto do rigario*, no qual, como outros muitos, fui roubado em minhas aspirações liberas de moço; e, no empeito de reparar esse crime erro de minha vida, darei tudo o que for preciso. »

Além do culto que dispensa a esposa e em educação aos seus seis filhos, só diamante á familia, em amor á digna coga da liberdade da Patria, resumida por elle na *restauração do Imperio*.

O Brazil precisa de honra de sua tempera.

Não saudades Dr. Cavalcanti Mello como um *lençimento*, que não hesitou em expor-se pela Patria aos punhacs e revólveres jacobinos. Presiga no seu jornal *Rio de Janeiro*, am nolo e sem pavor. Assassinado, sua memoria permanecerá por sempre nos que sabem honra as verdadeiras patriotas.

rio do Tiradentes, ficou redazido, nesta capital, a uma revista do jacobinismo.

« A população *obteve-se inteira mente* e o culto, devido ao martyr limitou-se ao estudo da personalidade do incomparavel proclama republicano.

« Não podia haver mais eloquente demonstração de que o jacobinismo é uma ilha abandonada no meio do vasto oceano das paixões: apesar do estorço que os srs. Quintino Bocayuva e Glycerio tem feito para fazelo considerar uma península que se prende ao grande continente das aspirações brasileiras e de que é istmo o partido republicano federal.

O povo prova que nada ha de comum entre o seu ideal e o fanatismo dessa facção vermelha.

« Mas o jacobino julga bom tudo quanto pode servir de justificativa á sua desorientação.

« Sentindo-se constringido a só viver da fraude eleitoral, das ameaças continuas á ordem, das saudades do terror: vendo-se forçado á masturbação do seu odio, que lhe enfraquece o organismo politico e o idionta; o jacobinismo quer prescindir absolutamente do povo, para só viver dos seus lauces de audacia.

« Que o povo não está com essa facção antipatriótica, diznos o seu *retrahimento*, no proprio dia da comemoração do martyrio de Tiradentes. »

Melhor não poderiam dizelo os monarchistas; mas estes seriam suspeitos de estarem a faltar á verdade, por espirito politico.

E, se assim foi no Rio de Janeiro: porior o foi nas provincias. Nem mesmo os republicanos de qualquer dos dois grupos se animaram a fazer passear pelas ruas das cidades e povoações o busto ou qualquer figura do infeliz Tiradentes: o povo provinciano também deixou-as-bia ás moscas como o povo do Rio de Janeiro, porque o povo brasileiro não quer Republica e muito menos as suas parvas comemorações.

Angelo Mendes

Sempre a Republica

Está hoje nos provinos a politica que a forma republicana de governo, é a que traz mais desgraças para um paiz. Daxo, mesmo de lado todas as Republicas americanas, basta para se convencer desta verdade, olharmos para um paiz, que segundo diz a *marçhava* na vanguarda do progresso. Retiro-me á França.

Aquelle paiz, que teve rei, como Henrique IV e Luiz XIV, imperador como Napoleão, que gozou durante a Monarchia de felicidade e prosperidade, que já mais até então tinha conhecido povo algum, vê-se hoje abalado e estremecido pela *revolução* contu de revolução. Tala *estré* de

do à forma republicana do governo cujo principal defeito é a instabilidade e a fraqueza.

A desmoralização como tivemos exemplos nos escândalos do Panamá, penetrou na camara dos deputados e hoje o senado, como sabemos tornou-se sobranceiro e quer por força exceder a orbita de suas attribuições.

Devido à fraqueza da forma republicana, não encontrará elle nenhum poder que possa lhe resistir. Em vista disso, só pôde o povo francisar ter negros horisontes diante de si.

Ainda lá, o socialismo faz es-
tantos progressos e temle em sua marcha posente a destruir o governo constituído. Na Alemanha, onde a lucta pela vida é mais exigente, onde é maior o numero das classes pobres, onde enfim o terreno é mais apropriado para o seu desenvolvimento, elle não melra com tanta força, como na França. E porque lá existe um poder central que tem força e que se oppõe inflexivel a seu progresso temeroso.

Um estado de duvida e receio é proprio a paizes que estão sob a forma republicana. En França, como já disse, tem-se continuas revoluções; e este estado de receio produz abalos no commercio e determina violentas crises financeiras.

Não é só a França, que encontramos em condições lastimosas. Todos os paizes republicanos são assim: instabilidade e por consequencia, a desordem, a desmoralização e por consequencia o regresso.

Para que vamos procurar a França, como si não tivessemos um exemplo muito mais palpitante, e que certamente nos enche de dor, que nos atinge mais, por que é a nossa cara patria, o nosso pobre Brazil. Aqui encontramos com extraordinario desenvolvimento, os vicios inherentes a forma republicana. O receio, que temos de novas revoluções, a desconfiança que nos inspira o governo, determina esta crise medonha, que vemos pairar sobre o Brazil.

A desmoralização, visível e patente dos nossos actuaes governantes, determina um estado de incerteza e miseria.

O governo, fazendo innumeras concessões, cavando no receita publica um enorme deficit, em seu proveito ou dos seus protegidos, enfim praticando uma serie de interrupções de desmanhos e erros faz com que deca cada vez mais o cambio, que de 27 que estava a Monarchia, desceu a 9 e não ter chegado ainda a 5.

Determina ainda esta baixa, a desconfiança, que para os estrangeiros inspira o actual governo, que possui em alta dose: os vicios republicanos: instabilidade e desmoralização. Entristece o confronto entre o Brazil Monarchia e o Brazil Republica.

Lá o progresso, aqui o regresso. Lá a ordem e a felicidade, aqui a desordem e a desgraça.

Sejam os sensores e logicos. Pelos seis annos que temos de republica, publicamos exemplos que encontramos de outras republicas, podemos deprehender que esta forma de governo só traz infelicidade ao paiz onde está constituída. Derribemola, pois, restauremos a monarchia.

Alfredo Queiroz

Triste situação!

—0—

O paiz, atravessa um momento doloroso. É a hora dos grandes desenganos, dos profundos abatimentos.

O Brasil é um paiz de descontentes, porque a politica hoje é um assalto dos ambiciosos. De alto a baixo, desde o presidente da republica até o mais obscuro e desprotegido da sorte, passando por ministros, senadores, deputados, magistrados, banqueiros, etc., etc., é o descontentamento que lavra.

Mas ha os descontentes victimas e os descontentes algosos. Aquelles são este pobre povo que geme angustiado, porque só conhece este novo regimen, implantado à força entre nós, o sequestro da liberdade, o menospreço dos direitos, as difficuldades da vida, o augmento exagerado dos impostos e quasi o supplicio da fome.

Os outros, os algozes, são os intitulados chefes, que estão se desconsolando de sua propria obra porque não souberam fazê-la, e não souberam porque não tinham capacidade nem largueza de animo para a elevarem forte e digna de ver estimada pelo povo: e este vingasse de tanto dexar-se com a indiferença, a abstenção e o desprezo....

Olhai para as eleições. Onde está o povo? Sofre as suas dores, suas por vencer as difficuldades da subsistencia, enojado desses políticos, que, aproveitando-se do treslocamente impatriotico das classes armadas, assentaram suas baterias nas cumieiras do poder e de lá impoem pela força silencio as consciências! Mas esses clowns politicos firmam-se em uma base falsa, hão de cahir, porque lhes falta a segurança da opinião nacional.

E preciso que se acabe estas republica carnavalescas em que a nação tanto tem soffrido. E ha de acabar-se, porque o povo continua a fazer lhe a guerra do aborrecimento, o cerco do abandono, a revolução do desprezo.

Nem podia ser d'outro modo. Que tem feito este pedantesco governo?

Que respondam o abysmo das finanças desmanteladas, o abatimento do credito nacional, as despesas publicas contuplicadas! Que responda a desordem feita em todos as classes, principalmente naquella em que devia haver mais disciplina! Que responda esse desamino geral em todo o conjunto das cousas, esse desalento em que está emergida a vida nacional, onde tudo calou-se, até a poesia, a arte, a sciencia, e onde emudeceo a intelligencia para dar curso a ganancia, ao lucro mordido, a todas as baixezas, exaltadas por uma republica nefasta e nojenta.

Alfredo de Figueiredo Nielsen

Governo sem governo

—0—

A Republica é o governo sem governo.

A Monarchia é a segurança do poder publico que sempre tem direcção, porque é o respeito ao principio da hereditariedade.

A verdadeira democracia não consiste no maior ou menor numero de privilegios ou prerogativas impessoaes está na maior somma de liberdade, no desenvolvimento da propria vida de um povo.

E' assim que a França ainda chora a grande perda de um rei como Luiz Felipe, como o Brasil o incomparavel desastre da morte de d. Pedro II e o desthronamento de sua dynastia.

O absolutismo cahe cedo ou mais tarde, e desaparece sempre governa a realisa em nome do povo ou o povo feito rei.

A liberdade ha de ser em todos os tempos o phanal das gerações porque não é um producto artificial, é um sentimento innato que acompanha o homem e o dirige para a perfectibilidade.

Um Estado sem liberdade é um Estado sem governo.

A tyrannia existirá enquanto os homens não comprehendem que o poder publico é uma delegação um mandato ou representação e sim uma conquista ou um direito do mais forte.

Mas a historia está ali para nos apresentar em toda a sua nudez o que foi o absolutismo dos reis como as dictaduras das Republicas.

Em França o absolutismo vi vera perto de cento e quarenta annos desde Luiz XIV e conforme dizia Chateaubrand: « depois do tumulo desse Monarchia não se enxergam senão dois monumentos da Monarchia absoluta — o tra vesseiro das devassidões de Luiz XV e o còpo de Luiz XVI ».

A revolução de 93, veio abalar o despotismo imprimindo depois da ferocidade da um Marat, outro es ririto de brandura, de modo que a França tornou-se depois como a Monarchia ou Republica a exemplar de toda a liberdade do mundo. Na America temos, à excepção dos Estados Unidos do Norte, que hoje vivem da fumaça especial do seu governo, Republicas anarchicas e tyrannicas. A liberdade ha muito que emigrou do Novo Mundo desde o despotismo de um Francia, a insolencia do Lopez, a dictadura de um Rulnacoda até a do Marechal Floriano.

Fomos um povo livre, é verdade tivemos o dominio de uma verdadeira democracia, um Imperio liberal, como foi o reinado de Pedro II, o isto porque dominava em nossas instituições o espirito franco da perfeita egualdade social que era tratarmos desigualmente a seres iguaes.

Mas hoje o que resta dessa escola, das boas theorias que aprendemos e do influxo benéfico da revolução?

Nem o proprio governo nos responde, porque organizado como se acha o poder publico, elle não

sabe a sua origem, qual a garantia dos seus proprios direitos.

Do povo não é esta Republica, oriunda dos quartéis por um desfeiche de uma trahição organizada a noite e vencedora no outro dia pelo assalto ao telegrapho.

O que representa actualmente o sr. Prudente de Moraes?

Eleito pelo estado de sitio lembra a tyrannia.

E quecido de sua origem só pode ser um governo sem governo.

Não tem uma ideia um principio a representar.

Ou torna-se absoluto, sancionando todos os actos immoraes e absurdos dos seus governadores nos Estados, mais independentes do que elle, porque o Itamaraty não é mais do que uma chancellaria da federação, e nesse caso o chancellier é o sr. Glycerio porque é o chefe do partido federal; ou, então o Presidente da Republica é uma roda inutil que perturba o funcionamento governamental e vai ser supprimida por uma deposição à mão armada, ou por um simples processo perante a Camara dos Deputados que o iniciará fatalmente nessa sessão.

Passa, portanto, o poder republicano das mãos de um depositario, que ignorava mesmo a sua qualidade de detentor ou de detido, porque é o sr. Prudente de Moraes um governo governado.

Falam tanto os republicanos em democracia e liberdade, mas como estas poderão existir no Brazil si o povo não escolhe os seus representantes; porque a eleição é o falseamento do voto e os exaltados receiam até a propaganda da Monarchia pela imprensa?

Isto prova que a actual forma de governo não é accetida pela Nação e o poder é fundado pela repulsa que ella manifestaria nas urnas.

Dahi a organização de syndicates que exploram o poder, manietando a liberdade eleitoral e da imprensa que fulmina os abusos.

Surgem as mocções militares, tocando-se o rebato nos quartéis vendo-se sombras e inimigos por toda a parte porque comprehendem os dominadores o desprezo do povo à uma instituição condemnada, como é a Republica, sem tradição, sem costumes, sem virtude civica, sem homens competentes para dirigir os seus proprios destinos.

Como poder continuar por muito tempo um governo sem governo?

Dizem os fanaticos, mas Republica é isso mesmo e ha de existir sempre porque temos a força armada que nos sustenta.

Perguntaremos nós: o exercito brasileiro poderá mantel-a como instituição, sem o apoio nacional, apenas explorada por um syndicato politico de meia duzia de esfaimados insaciaveis? Poderá sustentar o peso das responsabilidades que contrahio, vendo as finanças desbaratadas, o cambio estacionario, o credito publico

desapparecendo dia a dia, a fome e a miseria invadindo o proprio lar, e a desgraça se aproximando com o tolo o cortejo de horrores?

Não. Fazemos outro juizo do soldado brasileiro, que é ao mesmo tempo um cidadão, porque a farda que veste não é para envergonhar-nos aos olhos dos outros povos, deve ser para garantia de nossa felicidade social.

E esta não pôde existir com a Republica, para o que basta a experiencia de seis annos do desgoverno que temos tido, negação de todo o principio democratico, a começar pela supressão da liberdade de imprensa e do voto, sem o que não pôde haver estabilidade no poder publico.

Logo, a restauração da Monarchia se impõe por si mesma como uma necessidade momentanea, porque a Republica no Brazil é o governo sem governo.

Calvacanti Melo.

desapparecendo dia a dia, a fome e a miseria invadindo o proprio lar, e a desgraça se aproximando com o tolo o cortejo de horrores?

Não. Fazemos outro juizo do soldado brasileiro, que é ao mesmo tempo um cidadão, porque a farda que veste não é para envergonhar-nos aos olhos dos outros povos, deve ser para garantia de nossa felicidade social.

E esta não pôde existir com a Republica, para o que basta a experiencia de seis annos do desgoverno que temos tido, negação de todo o principio democratico, a começar pela supressão da liberdade de imprensa e do voto, sem o que não pôde haver estabilidade no poder publico.

Logo, a restauração da Monarchia se impõe por si mesma como uma necessidade momentanea, porque a Republica no Brazil é o governo sem governo.

Calvacanti Melo.

Mouros na costa

—0—

O banquete, tambem offerecido pela tal sociedade paulista, ao General Chi-Gli, veio assinalar divergencias no campo de Agrarismo, segundo o antigo estylo da imprensa indigena.

Com effeito, não compareceram, entre outros convidados, o general Campos Salles, senador Moraes Barros, deputado federal Adolfo Gordo, senador Paula Souza, e mais alguns da elite republicana.

Por outro lado, o general Chi-Gly collocou ao seu lado esquerdo o dr. Manuel Victorino, vice-presidente da Republica, e, para completo contraste, assentou ao seu lado direito o dr. Peixoto Gomile, vice-presidente do Estado.

O banquete correu republicamente e a Monarchia.

Não deixaram de estar presentes os notorios Puhlio Michado e Vicente Michado.

O Estado de S. Paulo, organ do banquete glycerino, não assinalou a presença dos generaes Quintino Bocayna e Cesario Alvim.

O senador João Cordeiro não enviou telegramma ao banquete; mas, em compensação o fez o Dr. Fileto Pires, governador que se diz eleito do Amazonas.

Escusado é dizer que, ainda esta vez, a victima foi corçada de flores e de applausos. Referimos ao dr. Prudente de Moraes; o qual teve o brinde de honra do general Glycerio, levantando os assistentes com as cas calorosas à Republica.

Tambem que Republica que não completa a sua consolidação, « Pin-tica de verde. Viva a Republica! »

Parece, porem, que os assistentes não viam somente verde naquelle ultimo momento: viam todos os prismas das cores, por effeito da mystura dos finissimos vinhos.

Em tempo

Admiramos profundamente a grande derrocada em que vai ultimamente o caracter da certa gente, que nos trouxe por muito tempo illudido!

Commemorando a data de 7 de Abril, que immortalizou na historia de nossa Patria a memoria do grande imperador D. Pedro I, diz com referencia ao mesmo senhar e rei o ex-bárão de Ramiz:

«Desde a dissolução da constituinte descobri-se o perigo de ter sido confiado o governo do Brasil ao moço inexperiente e de imperfeita educação, filho do D. João VI e de D. Carlota Joaquina.»

Causa nos verdadeiro asco um typo d'essa laia, em que se aloja um caracter tão corrompido e significativamente mesquinho.

Vamos-nos às vezes obrigados bem a contra gosto e torcendo os principios de educação que recebemos a empregar uma linguagem mais ou menos violenta, mormente em casos igues ao de que hoje nos occupamos.

E'nos preciso no entanto desfivelar a mascara do cynismo com a qual se cobrem viz e desprezíveis creaturas, que, recebendo com uma das mãos a esmola que lhe vai mitigar a fome, vibra com a outra a punhalada assassina como *prova de agradecimento*!

Essa gente procede sempre como o assassino do saudoso presidente da aristocracia franceza: servindo de capa ao punhal do saltador, trazem elles para offerecerem à sua victima um ramalhete de lyrios talvez, mesmo como ironia, por serem essas flores o symbolo da innocencia.

Assim está procedendo esse ex-bárão de Ramiz, a quem o ver galbo energico das nossas palavras, que só representam a verdade, vão retalhar-lhe de cheio aquelle rosto, que outrora entrava todo risonho de burlação pelas portas da Quinta Imperial, onde esse ingrato recebia as maiores honrarias e favores de D. Pedro II, o magnanimo, que admitte em palacio como preceptor de seus netinhos!

A posição que tinha esse homem na sociedade brasileira e que agora acaba de perder a força de cynismo:—deven a D. Pedro II o magnanimo e a Família Imperial.

No entanto, vem elle agora, pelas columnas de um *fregolino* jornal fluminense, com uns commentarios nos quaes pretendeu empanar o brilho do mais alto e vantado feito patriótico, do seu doussemto Senhor D. Pedro I.

O ex-bárão hoje com certeza *general*, ou pelo menos *sargento*, é das taes que apedrejam o sol que se vai occultando na occasião propria.

Amanhã, quando desaparecer esta corruptora e maldada Republica, o ex-bárão será um

PAGINA MEDIEVAL

Soror Violante, a monja macerada,
— Orphan do gozo, filha do supplicio —
Scisma ao fulgôr da Lua reclinada
No balcão ogival do Santo Officio.

—O—

Corre o Ebro na esteira abrocada
De ouro, de precipicio em precipio,
E ella tão sô! tão sô! tão flagellada
Pelos ferreos abraços do cilicio!

—O—

Arfa-lhe o seio qual a exangue pomba;
Falta-lhe o apoio: rôla no ar e tomba...
— Abre a palpebra a estrella das mãs sinas

—O—

E sob o escuro azul curvo e sombrio,
O Ebro vèrga o dôrso a um corpo frio.
Qual Samsão esmagado sob as ruinas...

A. B. PEREIRA

dos primeiros a lançar-lhe as primeiras pedras....

Mas, nós outros que os ficamos conhecendo d'esde já,—havemos de saber enxotá-lo convenientemente das nossas portas, quando nos vierem mendigar um favor...

Gama e Silva.

Telegrammas

Uma das cousas mais engraçadas nesta Paulicê é a gravidade com o Estado de S. Paulo, oram da secretaria da agricultura, discute os seus telegrammas.

E'essa uma leitura que não perdemos, logo pela manhã cedo, porque excita-nos a gargalhada.

Se as grandes potencias europeas lessem os commentarios do Estado de S. Paulo sobre os acontecimentos politicos naquella parte do mundo, ou mesmo na Asia, Africa, America, ou Oceania, com relação a ellas, já teriam dissolvido os seus exercitos e afundado suas esquadras, por inúteis ante a *força americana* que se manifesta nos *puffs* de New-York e adjacencias.

Até agora o Estado de S. Paulo está a espera da belligerancia dos insurrectos cubanos.

E' porque Cleveland está com medo da Hespanha, o Congresso da Republica daqui vai tomar sobre a unha a empreitada. Aqui ha gente que não se amedronta com hespanholadas. Temos Mr. Cesar e outros quejandos para esta mão de cunha. Pena foi que Floriano Peixoto morresse...

Boa noticia!

Bezerril, o governador do Ceará, está em apuros para a sua eleição senatorial. Sabe-lhe pela prova um tal João Felipe.

Mas, parece certa a reeleição de João Cordeiro, também conhecido por João Gato.

Subsistindo a Republica, com as suas instituições accessorias do Club da Morte, do Club Militar, do Club Tiradentes, etc., a João Cordeiro seria uma calamidade publica. Não pode haver Republica. Não pode haver Republica neste paiz sem João Cordeiro, com todas as suas farinhas e carnes secas; e sem o embalsamador-mór.

Arranjem tudo muito bem no Ceará: não esqueçam o João Cordeiro.

O Bezerril deve também vir para o Senado.

Se Caligula, despota da Roma antiga, collocou no Senado romano o seu cavallo, por que admirarmos-nos de que seja reeleito o João Cordeiro e eleito conjuntamente o Bezerril?

Venham ambos elles; e fique no Ceará o João Felipe. O que elle vem fazer no Rio de Janeiro?

—O—

O Brazil e a Abyssinia

Quem suporia que, sendo paizes tão distantes um do outro, nem por isso poderá ser evitada uma complicação diplomatica?

E' o caso que o maestro Manuel dos Passos, que é abexim pela cor, compoz uma polka-marcha para ser tocada pelas bandas marciais dos corpos de policia de S. Paulo; e deu a essa composição o nome suggestivo de *Mencelik*.

Já ensaiava pela banda de um daquelles corpos, foi annunciada sua execução no jardim e pteo do palacio do Governador. E a execução seria tanto mais perfeita e entusiastica quanto é certo que aquella banda marcial compõe-se de abexins brasileiros os quaes deveriam em varios tempos da musica, suspender de um só golpe, para levantarem o grito: *Viva Mencelik!*

Não pareceu ao Governo que a composição do maestro Manuel dos Passos fosse digna de execução e de applausos officiaes; podendo até acarretar reclamações do ministro da Italia. Por isso mandou prohibir a festa.

Agora, o maestro Manuel dos Passos vem, a altos brades, clamar contra a *violencia*; e affirmando que é republicano *pursang*, e mais ainda do que o general Glicerio, apesar de applaudir o Imperador ou negus Menelik, atira sobre a Republica do Brazil estas justificadas pragas:

«E' porque sou filho dum paiz, onde o estrangeiro tem mais valor do que os nacionaes.

«Pobre Brazil! Caminha de humilhação em humilhação: — o di da vindicta hade chegar»

O peor é que este caso pode complicar o Brazil com a Abyssinia...

—O—

Facto mysterioso

No dia 27 do mez findo á tarde, no Rio de Janeiro, isto é, ao mesmo tempo que no palacio *Itamaraty*, os ministros e secretarios do dr. Prudente de Moraes, discutiam varios pontos da mensagem, que vai ser apresentada ao Congresso pelo Presidente desta Republica, os passageiros da barca do mesmo nome *Itamaraty*, fazendo a viagem da Prainha ao porto de Mauá, segundo a insuperta *Gazeta de Noticias*, «viaram uma canôa virada e sobre a quilha dous pobres homens a lutar com as ondas».

A barca parou; mas não havia a bordo della meio algum de salvação; o bote estava furado e ali tinham ninho tres ratazanas; e dous salvados, também furados, foram ao fundo logo que atirados ao mar.

Passada mais meia hora, «não fossem esses homens destinados *nadadores* (sobre a quilha da canôa), á tivessem perdido a calma, teriam morrido alli aos olhos de centenas de pessoas impotentes para salvá-los».

Afinal, «quando os passageiros da barca *Itamaraty* estavam ainda a assistir ao triste espectáculo, appareceu uma canôa á vela com tres tripulantes, que salvaram naufragos e canôa: — uma salva de palmas significou a gratidão dos passageiros da barca pelos valentes canoeiros».

Ora, eis um caso, que impõe reflexões aos que sabem que os factos desta vida tem sempre uma significação mystica.

A coincidência do nome *Itamaraty*; a canôa virada e sobre sua quilha dous pobres homens a lutar com as ondas; a impotencia dos passageiros da barca para salvá-los; e, afinal, o apparecimento da pequena *piroga* com tres trip lutes, que conseguiram pescar os dous e a canôa virada: tudo isso deve ter feito cócegas aos republicanos, que têm d'ello como *consolidação* esta caricata Republica.

Os taes homens da canôa virada são inquestionavelmente os drs. Prudente de Moraes e Manuel Victorino. A canôa virada é claramente a Republica. Os passageiros da barca *Itamaraty* representam os republicanos sinceros, mas impotentes para salvá-los. A *piroga*, com os tres tripulantes, representa a dictadura trina dos jacobinos, salvando da morte os dous pobres naufragos, mas por cautela mettem-no no *seu* bote, com elles, também a canôa virada, por *innavegavel*.

Com certeza, os dous pobres homens da governação da Republica não quererão comprehender o aviso naquella canôa virada; mas, no momento do desastre, lembrar-se-ão do caso como *faticidico*.

A restauração do Imperio aproxima-se de tal modo que já hoje não ha meios de evitá-la. Estão a preceder-lhe factos como esse da canôa virada na bithia do Rio de Janeiro, e como o das celebradas duas *coroas imperiaes*, no baile offerecido (a dar credito ao chronista de S. Paulo para o Paiz) por um invisível Mil-homens ao dr. Bernardino de Campa.

Aguentem-se no balanço. Para estas revoluções sem pau nem pedra são sem valor pratico os estados de sitio e as fanfarronadas militares.

Campos Salles

Com apparato puramente official dos batalhões de policia e dos empregados publicos, tomou posse do cargo de presidente deste Estado, no dia 1.º do corrente, o dr. Manuel Ferraz de Campos Salles; e com elle, o dr. Peixoto Gomide, vice-presidente.

Estiveram presentes varios *ras*; inclusive o vice-negus dr. Manuel Victorino, vindo expressamente para este acto.

Foi tudo uma comedia, como era de esperar da presença de taes exquisitos personagens.

O povo foi indifferente a tudo. Somente á porta e em frente ao Congresso estiveram presentes varios vagabundos e diversos batedores de carteira.

O mais notavel é que essa gente finge que ha Republica no Brazil...

Os *ras* mostram-se satisfeitos com os *comês* e *bebes* paulistas. Só o Thesouro do Estado se mostra amargurado com tantas despesas para o *engrossamento* republicano.

Consta que veio representar aqui o *Pico do Diabo* o dr. Vincente Machado. Sua presença era indispensavel...

Fragmento

I
E' noite.
Roma dorme silenciosa.
Alegre sonha e vive a portentosa
Rainha da belleza.
No entanto Nero é triste.
Doe profunda
A alma perversa do tyranno inunda
De lugubre tristeza.

Num divar d'ouro todo avelludado
Elle em tedio dormita sem prazer:
Sente n'alma um desejo arrebatado
De morrer, de morrer!

II
Nisto, entra um pagem;
Pasa de Nero ás mãos...
Para assistir as ileaes matanças
De homens, de mulheres, de crianças
— Um convite mandado entre suspiros...

III
Num salão d'ouro todo atapetado
Nero alegre já dança com prazer:
Sente n'alma um desejo arrebatado
De viver, de viver!

No entanto Roma acorda desditosa
Carpindo triste, chora, a grandiosa
Que em tristeza se some.
Enquanto Nero em dança multiôrme
Cantando abre a sua bocca enorme
Como abatre com fome!

Orlando

Casino Hespanhol

Recebemos, e agradecemos pe-
zhoradissimos, um convite, que
pela sociedade acima, nos foi
enviado, para uma soizée, que
se realizou hontem, em commemo-
ração a data 2 de Maio de 1808.

O. P. C. Previti (42)

O ANJO DA TORRE

narrativa

do tempo de Isabel, rainha d'Inglaterra

tradução de
A. MOREIRA BRITO
CAPITULO III
Fazenda de contrabando

Os dois amigos estavam proximo
a aportar n'uma terra em
que muitos generosos confessores,
antes d'elle e pelos mesmos mo-
tivos, só tinham encontrado a
prisão e a morte. Um ou outro,
senão ambos, se achavam por tan-
to talvez mais perto do supplicio
do que pensavam; e podiam per-
feitamente ter a mesma sorte
que tantos outros que, ao passa-
rem do mar á terra, em lugar
dos braços amigos com que con-
tavam, tinham cahido no meio
dos agentes da policia secreta
que os esperavam para os carre-
gar de cadáver.

DIANA

A. C. C.

Diana, que a bifendide e argentea fouce
No céu, por entre nuvens, refulgura
Das serenas e azues regiões alou-se.
N'um raio vaporoso de brancura.

Na luz do seu olhar encandilou-se
O olhar dos céos e a padauar a escura
Noite, eil-a que vae... Illuminou-se
A trêva, n'um clarão que ascende á altura...

Essa que Endymião supplice exôra,
Trifôrme encarnação da divindade,
Rendida ao deus de Gnido geme e chòra.

Todos, na vida, são assim, querida,
Sob o rijo grilhão da humanidade...
E tu, que és deusa, não serás vencida?

RENÉ D'ANRIETAN

Luiz de Mello Oliveira

Victima da febre amarella,
falleceu domingo p. p. na fazenda
de seu pae, o Sr Barão de Mello
Oliveira, o conhecido moço Luiz
de Mello Oliveira.

Dotado de um caracter puro,
de um corçôto bondoso, lhano e
afável no tratamento, era esti-
mado por todos que o conheciam.

Contava apenas de idade vinte
e um annos, e sua morte veio
causar grande consternação e
pezar entre os seus numerosos
amigos.

A familia do desditoso jovem
mossos sinceros pezames.

Dr Luiz Augusto de Paula

Mudou-se para a rua Barão de
Itapetininga n.º 46 o conhecido e
ilustre medico dr Luiz A. de
Paula, que, desde 1892 occupou
o lugar de medico interno no
Hospital da S. Casa de Miseri-
cordia d'esta capital com dis-
tinguida proficiencia.

Antes, porem, occupou o hon-
roso lugar de preceptor de S. A
Imperial o Principe D. Pedro de
Alcantara e de seus augustos
irmãos.

A «Auctoridade» faz since-
ros votos para que seja feliz na
sua clinica.

Sementes do Beliche

Recebemos um interessante fo-
lheto, intitulado *Sementes do Be-
liche*, obra do sr. F. de Albu-
querque, que tem por fim pro-
pagar sementes e novos instru-
mentos de lavoura. E' um cata-
logo completo, que muito honra
a paciencia do intelligente culti-
vador.

Agradecidos,

ARCHIVO

Recebemos:
A *Bohemia*, periodico illustrado
que se publica nesta capital, com
a collaboração de diversos escrip-
tores paulistas.

Traz bonitas gravuras, e um bem
elaborado texto.

O *Bohemia*, segundo numero;
bem feito e espirituoso.

A *Opinido*, illustrado com uma
allegoria ao governo da dr. Cam-
pos Salles.

A *Leitura*, primeiro numero il-
lustrado com uma allegoria á exe-
cução do indisciplinado Tenente
Joaquim Xavier, vulgo Tiradentes.

A este nosso ultimo collega,
alem do agradecimento, devemos
uma satisfação, por não havermos
noticiado a primeira visita que nos
fez, falta esta devida a preguiça
de um nosso ex-empregado.

“Rio de Janeiro”

Orgam genuinamente monarchista

Sob direcção
do

Dr. Cavalcanti Mello

Começou sua publicação na
Côrte, ou Rio de Janeiro, a 3 de
Setembro de 1894.

O segundo jornal monarchista
que appareceu depois da cata-
strophe nacional de 15 de Novem-
bro de 1889.

Publica-se diariamente

Assignaturas para as provincias

Por um anno . . . 28\$000
Por seis mezes . . 14\$000

Assignaturas para a Corte

Por um anno . . . 24\$000
Por seis mezes . . 12\$000

Assignaturas para o estrangeiro

Só por um anno . . 50\$000

ESCRITORIO E REDACÇÃO

53 RUA DOS OURIVES 53

(SOBRADO)

Rio de Janeiro

Unico agente n'esta Cidade a

«Redacção da Auctoridade»

Rua da Quitanda 2 Sobrado

S. Paulo

que...E algumas gotas d'esse san-
gue lhe chegavam á fronte... N'es-
se momento a plenitude do seu
coraçôto foi tal, que as lagrimas
que o inundavam interiormente
reberaram com violencia, e teve
de levar uma das mãos á bocca
para abafar os soluços... «Meu
pae, murmurou levantando-se,
logo que tornou um pouco a
si da commoção, eu serei martyr
como vós e vosso pae!»

Quem será, pois, este Roberto
e que mysterios lhe envolvem o
nascimento? Porque se chama filho
de martyres? Porque foi a sua
infancia tam atormentada?

Typ. Schettini
Rua da Gloria 107